

Práticas de sexo seguro e prevenção de DST/AIDS: conhecimento de jovens recém-ingressos em uma instituição de ensino superior

Practice safe sex and STD/AIDS prevention: knowledge of young newly-tickets in an institution of higher education
Prácticas de prevención de sexo seguro y ets y el sida: conocimiento de las de jóvenes recién-boletos en una institución de educación superior

Daniele da Silva Araujo¹, Hellen Cristina Texeira de Moraes¹, Camila de Sousa Lins¹, Eugênio de Sousa Franco¹, Ingrid Martins Leite Lucio², Lucilia Maria Nunes Falcão¹

¹Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (FGF), Fortaleza-CE. ²Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas (ESENFAR/UFAL), Maceió-AL

Submissão: 09/02/2011

Aprovação: 05/04/2011

RESUMO

Devido aos casos crescentes de jovens com Infecção Sexualmente Transmissível (IST) no mundo, e pela assistência, nem sempre adequada, percebe-se a necessidade de implantação de programas que enfoquem positivamente a redução de IST ou de gravidez não planejada. O objetivo foi Identificar as práticas e o conhecimento sobre sexo seguro e prevenção de DST/AIDS entre jovens recém-ingressos em uma Instituição de Ensino Superior de Fortaleza - CE. Trata-se de um estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa. Os resultados deste estudo revelaram que 80,0% dos jovens já iniciaram as atividades sexuais, o maior percentual entre 15 e 17 anos (55,8%). Todos os alunos informam conhecer algum método anticoncepcional, sendo que 65,9% deles usaram algum na primeira relação e 95,3% nas relações atuais. Os alunos da IES ao qual foi realizada a pesquisa buscam informações e meios para que possam realizar práticas de sexo seguro e assim diminuir os riscos as IST/AIDS.

Descritores: Doenças sexualmente transmissíveis. Adolescente. Sexo seguro.

ABSTRACT

Due to increasing cases of sexually transmitted infection (STI) among youths in the world and health care not always adequate, there is urgent need of STD/AIDS programs approaching positively IST or unplanned pregnancy reduction. This study was undergone to identify practices and knowledge about safe sex and STD/AIDS prevention among university freshman students in Fortaleza-CE. It is a descriptive cross-sectional study, with quantitative approach. Results showed that 80,0% of youth have started sexual activities, with the majority (55,8%) between 15 to 17 years. All students informed knowledge of some contraceptive method, with 65,9% of them using some method in in first intercourse and 95,3% in current relationships. Faculty students where the research was conducted were looking for information and resources to perform safe sex practices and thus reduce the risk of the IST/AIDS. Descriptors: Sexually transmitted diseases. Adolescent. Safe sex.

RESUMEN

Debido a los cada vez más casos de infecciones de transmisión sexual (ITS) en el mundo y por asistencia, no siempre apropiada, se da cuenta de la necesidad de implementar programas que enfoque positivo reduce IST o embarazo no planificado. El objetivo era identificar prácticas y conocimientos sobre el sexo seguro y la prevención de ETS y el SIDA entre los jóvenes recién-ingressos en una Fortaleza-CE. Es un estudio descriptivo y transversal, con enfoque cuantitativo. Los resultados de este estudio mostraban que el 80,0% de los jóvenes han iniciado actividades sexuales, el mayor porcentaje entre 15 y 17 años (55,8%). Todos los estudiantes informar a conocer algún método anticonceptivo, con 65.9% de ellos utilizan algunos en el primer equipo y 95,3% en las actuales relaciones. Estudiantes del IES para que la búsqueda se realizó en busca de información y recursos para realizar prácticas sexuales seguras y así reducir el riesgo de la IST/SIDA.

Descritores: Enfermedades de transmisión Sexual. Adolescente. Sexo seguro.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa da vida e desenvolvimento do ser humano quando ocorrem mudanças físicas e comportamentais influenciadas por fatores socioculturais, hormonais e familiares. É período de descobertas, novas experiências, integração social, busca da independência, desenvolvimento da personalidade e definição da identidade sexual. Essas mudanças incluem a sexualidade humana, presente em toda a existência e a formação da identidade e desenvolvimento da personalidade⁽¹⁾.

Dados do boletim epidemiológico do Ministério da Saúde do Brasil, até dezembro de 2007 revelaram que, na população entre 13 e 24 anos, o número de casos acumulados de Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST/AIDS é de 54.964, dos quais 31.355 adolescentes, jovens e do sexo masculino e 23.609 feminino⁽²⁾.

As ISTs atingem um a cada vinte adolescentes por ano e as infecções mais comuns são clamídia, gonorréia, sífilis e tricomoníase. Na Região Latino Americana, em 2003, a taxa de mortalidade de pessoas de 15 de 24 anos de idade foi de aproximadamente 130 por 100.000. As causas principais de mortalidade nessa faixa etária são as por causas externas, seguidos de doenças transmissíveis, inclusive infecção pelo HIV/AIDS. Ainda informa que as taxas de mortalidade por HIV/AIDS e outras IST aumentaram até meados da década de 1990, estabilizando-se em cerca de 11.000 falecimentos anuais desde 1998⁽³⁾.

O exercício das práticas sexuais na adolescência continua sendo considerado um fator de risco para as ISTs e gravidez indesejada. Apesar das mudanças culturais das últimas décadas, quanto à sexualidade nessa fase da vida, um olhar cuidadoso sobre a temática contracepção e sexualidade com os processos sociais, possibilita repensar a sexualidade como mediadora de relações sociais entre jovens e ao mesmo tempo, constitutiva de identidade social e de gênero de cada um dos adolescentes e jovens nesse período. Ressalta ainda que o problema centra-se nas dificuldades dos adolescentes em relação ao entendimento e fixação das técnicas contraceptivas, da adesão regular aos métodos contraceptivos⁽⁴⁾.

Geralmente adolescentes e jovens não recebem pela família orientações adequadas sobre sexo, nem possuem acompanhamento profissional, o que os tornam vulneráveis às emoções, levando a busca de uma identidade, maturidade e respostas para as dúvidas sobre sexualidade iniciando a vida sexual precocemente.

É notório que um adolescente com informações necessárias a essa etapa da vida tem mais probabilidade de realizar sexo seguro e não ser infectado por uma doença sexualmente transmissível, o que não o torna isento disso, pois existem jovens que possuem o conhecimento mais não os colocam em prática⁽⁵⁾.

No Brasil, o Ministério da Saúde investe recursos em educação contra IST/AIDS, contudo um aumento no número de casos vem sendo notificado a cada ano. O que nos leva a indagar se essas informações estão

atingindo o público alvo, e que se sim, estes não estão utilizando os conhecimentos adquiridos, ou seja, não estão substituindo seus comportamentos de riscos por comportamentos seguros⁽⁶⁾.

Por esse motivo e pela experiência dos pesquisadores com a temática no âmbito do ensino, pesquisa e assistência no cuidado de enfermagem, observou que as informações sobre os problemas de saúde e práticas seguras eram repassadas no ambiente escolar e nos demais lugares com concentração de jovens, mostrando-se relevante o entendimento acerca do aumento de casos de IST/AIDS e da gravidez não planejada. Mostra-se relevante pelo número crescente de casos de IST entre jovens no Brasil e no mundo e pela inexistência de consenso nas metodologias que buscam a redução desses agravos, apesar da divulgação do assunto nos diversos meios de comunicação e amplo material de orientação disponível.

Portanto, como objetivos apresenta-se identificar as práticas e o conhecimento de adolescentes e jovens sobre sexo seguro e prevenção de IST/AIDS.

2 METODOLOGIA

Optou-se pelo estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa. O estudo foi desenvolvido em uma IES - Instituição de Ensino Superior privada, em Fortaleza - CE. A população foi o contingente de alunos dos cursos de bacharelado em enfermagem, educação física e administração de empresas do primeiro e segundo semestres, com entrada em 2010.2 e 2010.1 respectivamente em total de 334.

Os participantes foram selecionados pelo curso e interesse na participação voluntária do estudo, após esclarecimento e mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos os alunos que estavam cursando outros semestres que não os definidos para o grupo da amostra (1º e 2º semestres), os que estavam fora da faixa etária estipulada na pesquisa e os que não concordaram em participar do estudo. Atenderam, portanto aos critérios 72 jovens de ambos os sexos, com faixa etária de 18 a 21 anos, recém-ingressos na instituição, correspondente ao total de alunos dentro da faixa etária e nos cursos e semestres definidos para o estudo. Ressalta-se que a amostra inicial possuía um total de 72 alunos, mas ao final pesquisou-se 55, em decorrência de ser final de semestre, ocorrer desistência ou transferência dos cursos, ausências dos alunos nos dias da coleta de dados e outros não aceitaram participar da pesquisa.

A coleta de dados foi desenvolvida no decorrer do mês novembro de 2010. Os participantes foram informados da pesquisa nas salas de aula. E abordados antes do início das aulas ou intervalos entre elas, explicando-se a finalidade da pesquisa, em linguagem simples e acessível. Após a obtenção do TCLE foi entregue aos participantes, nas salas de aulas após autorização prévia dos professores e coordenadores dos cur-

sos, um questionário autoaplicável composto por três partes: a primeira parte continha variáveis sobre o perfil socioeconômico e demográfico do participante, a segunda parte apresentava questões sobre o conhecimento e dificuldades do participante em relação ao uso dos métodos anticoncepcionais e a terceira sobre o conhecimento do participante sobre doenças sexualmente transmissíveis.

Os dados colhidos foram tabulados e analisados utilizando-se do software Epi Info versão 3.5.1 e Microsoft Office Excel start 2010. Os resultados foram apresentados sob a forma de gráficos e tabelas. O estudo obedeceu à determinação da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata da ética em pesquisa que envolve seres humanos⁽⁷⁾ e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Infantil Albert Sabin - HIAS, sobre o parecer REG: 085/2010.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As transformações que ocorrem na adolescência até a vida adulta, se refletem em sua saúde sexual e reprodutiva. Estas podem interferir no processo natural do seu desenvolvimento, fazendo com que ele sinta a necessidade de vivenciar comportamentos que os deixem mais susceptíveis aos riscos para saúde, especialmente quanto à sexualidade. A não adesão às práticas de sexo seguro, a curiosidade pelas drogas lícitas e ilícitas, e a necessidade de identificação grupal, os tornam susceptíveis a adquirir IST e/ou gravidez não planejada⁽⁸⁾.

Com intuito de caracterizar os alunos recém-ingressos na IES estudada foram apresentadas informações sobre condições socioeconômicas e demográficas.

Quanto às características gerais dos alunos do 1º e 2º semestre dos cursos de Bacharelado em Enfermagem, Educação Física e Administração de Empresas observou-se que predominou a faixa etária de 18 a 20 anos (78,2%), um menor percentual de pessoas com 21 anos de idade (21,8%). Quanto ao sexo, os percentuais apresentam-se semelhantes, sendo do masculino (50,9%) e do feminino (49,1%).

Entre os cursos, o maior percentual de alunos concentrou-se no curso de educação física (36,4%), seguidos do curso de administração (32,7%) e enfermagem (30,9%). Quase a metade dos alunos definiu-se de cor parda (49,1%) e católicos (49,1%). A grande maioria dos alunos é solteiro (96,4%), mora com os pais (85,5%) e possui renda familiar na faixa entre um até seis salários (80,0%). A escolaridade dos pais é, em sua maioria, até o ensino médio completo (45,5%).

Em 2007 um estudo realizado na UFC - Universidade Federal do Ceará identificou um perfil de aluno semelhante. Neste estudo, a maioria dos alunos era solteiro (92,1%), católico (62,4%), seguidos dos que não são adeptos a alguma religião (12,9%). Quanto maior a escolaridade dos jovens mais eles postergam as relações matrimoniais e preferem famílias menores, o que pode explicar a maioria dos jovens serem solteiros⁽⁹⁾.

Por outro lado, pesquisa realizada em uma Universidade Pública de São Paulo com 468 indivíduos encontrou um perfil diferente quanto às características dos alunos: maioria de cor branca (80,6%), sexo feminino (53%), católicos (39%), mais da metade referiram seus pais ter ensino superior completo (56,1%) e moravam com a família (63,2%). Este estudo encontrou resultados diferentes talvez por ter sido realizado em uma universidade de uma capital mais desenvolvida e que abrange jovens de diversos municípios, onde há mais população e de melhores condições socioeconômicas. A diversidade de perfis é possível conforme regiões e instituições do Brasil⁽¹⁰⁾.

Quanto à identificação das práticas de sexo seguro e prevenção de IST/AIDS entre os alunos recém-ingressos, os alunos foram submetidos a algumas perguntas sobre a sua sexualidade. Quando abordados sobre se já mantiveram algum relacionamento sexual (80,0%) dos alunos relataram que sim, sendo destes, (59,1%) do sexo masculino e (40,9%) do feminino.

Em 2008 uma pesquisa realizada em uma Universidade pública do Estado de São Paulo encontrou resultados semelhantes: dos alunos que referiram ter iniciado a vida sexual a maioria foi masculina (52,8%) e que em outros estudos evidencia-se isto⁽¹¹⁾. Em outra pesquisa realizada em quatro universidades federais de quatro regiões do Brasil com alunos dos cursos da área da saúde (medicina, enfermagem, nutrição e educação física) o maior percentual de início das relações sexuais foi do sexo feminino (66,1%)⁽¹²⁾. Observa-se que há divergências entre os estudos, onde não existe uma regra para início da atividade sexual entre os jovens, porém o que se pode pensar é que os meninos têm relações mais cedo que as meninas, devido à cultura em que estão inseridos, onde o homem manter relação mais cedo significa masculinidade, e a mulher quanto mais cedo iniciar sua atividade sexual é associado à promiscuidade.

Na tabela 1, apresenta-se a relação entre idade da primeira relação sexual e adesão de método contraceptivo (MAC) nesta experiência.

Tabela 1 - Idade da 1ª relação sexual e práticas do sexo seguro, dos alunos recém-ingressos da IES. Fortaleza, novembro, 2010.

Idade da 1ª relação (n=43)*	SIM		NÃO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
10 a 14	5	45,5	6	54,5	11	100,00
15 a 17	18	75,0	6	25,0	24	100,00
18 a 20	5	62,5	3	37,5	8	100,00

* dos sujeitos que informaram já ter tido relação sexual (n=44), um não revelou a idade da ocasião.

A maior incidência da primeira relação sexual foi na faixa etária de 14 aos 17 anos (72,1%). Neste grupo, observaram-se extremos na idade da primeira relação quando citado 20 anos (2,3%) e a menor idade informada aos 10 anos (2,3%).

Verificou-se a relação da idade da primeira relação sexual e o uso dos métodos contraceptivos, onde se constatou que a probabilidade do grupo em usar MAC aumentou com a idade. Na faixa etária de 10 a 14 anos de idade os resultados demonstram (45,5 %) de adesão na primeira relação, e aumento na faixa etária de 15 a 17 (75,0%) e 18 a 20 anos de idade (62,5%). Um dado relevante encontrado foi que mais da metade dos sujeitos usaram algum MAC na primeira relação (65,9%), entretanto mais de um terço dos alunos (34,1%) não usou nenhum MAC, o que ainda é um dado preocupante.

Corroborando, alguns autores observaram que a maior frequência de iniciação sexual protegida ocorre entre jovens que se iniciaram sexualmente tardiamente. Consideram que o uso do preservativo na primeira relação aumenta a probabilidade do uso nas relações seguintes, os jovens tendem a manter esta prática no decorrer de sua vida sexual. Isso demonstra a necessidade de orientações continuadas aos jovens para os estímulos a adesão aos MAC⁽¹³⁻¹⁴⁾.

Mesmo com a crescente divulgação de informações sobre sexualidade, a interiorização das práticas contraceptivas entre nós é deficiente. A sustentação de uma prática livre e pouco reflexiva da sexualidade entre os jovens, característica da cultura brasileira, reforça os estereótipos de gênero e dificultam a adoção de medidas preventivas à gravidez e as IST/AIDS⁽¹⁵⁾. A Tabela 2 apresenta os métodos anticoncepcionais conhecidos pelos recém-ingressos.

Tabela 2: Conhecimento dos métodos anticoncepcionais pelos alunos recém-ingressos da IES. Fortaleza, novembro, 2010.

MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS	n	%
Preservativo masculino	54	98,2
Anticoncepcivo oral	45	81,8
Preservativo feminino	39	70,9
Anel vaginal	38	69,1
Anticoncepcivo injetável	37	67,3
DIU	34	61,8
Vasectomia	28	50,9
Diafragma	25	45,5
Coito interrompido	20	36,4
Laqueadura tubária	17	30,9
Tabelinha	11	20,0
Anticoncepcivo subcutâneo	04	7,3

Todos os alunos informaram conhecer alguns dos métodos anticoncepcionais. Os mais citados por classes foram os métodos hormonais e de barreira. Grande parte dos métodos foram citados, mesmo os mais incomuns como anel vaginal (69,1%). O menos conhecido foi anticoncepcivo subcutâneo (7,3%), o mais conhecido foi o preservativo masculino (98,2%), seguido do anticoncepcivo oral (81,8%) e preservativo feminino (70,9%). O que nos mostra que os jovens estão bus-

cando informações sobre MAC, porém ter o conhecimento não significa que o estão colocando em prática.

Estudos revelam que o conhecimento dos MAC pelos adolescentes e jovens são de alto nível, embora exista uma prática inadequada para sua utilização, de forma que o não uso destes não se relaciona diretamente com falta de informação. Entre os motivos da não adesão aos MAC estão a falta de planejamento das relações sexuais e por estas não serem comuns em seu dia-a-dia^(6,9). Outros autores corroboram que o MAC mais citado em estudos é o preservativo e o anticoncepcional oral, mas apesar do conhecimento a maioria dos sujeitos informou não utilizá-los⁽¹⁶⁾, o que se faz diferente no atual estudo onde (95,3%) dos pesquisados afirmam usar algum MAC nas relações recentes, 50,0% informaram ter feito uso de preservativo na primeira relação sexual e 58,1% relataram usar preservativo nas relações recentes.

Em outra pesquisa também constatou que os mais citados foram anticoncepcional oral (94,2%) e preservativo (91,7%), coito interrompido (62,8%), tabelinha (60,9%) e o diafragma (39,1%)(5). Estudo realizado com adolescentes de uma escola pública de São Paulo (área urbana e rural) demonstra a camisinha como método mais conhecido deste meio⁽¹⁷⁾.

Entre pesquisas realizadas sobre a temática várias demonstram que o conhecimento sobre o MAC existente é elevado, o que não implica necessariamente o uso adequado ou regular. Concordamos que apesar do aumento no uso de preservativo entre os jovens, ele ainda não é utilizado por todos e nem em todas as relações sexuais⁽¹⁴⁾. A partir do conhecimento dos alunos a cerca dos MAC, tentou-se investigar o uso destes na primeira relação sexual e nas relações atuais, apresentando os resultados na tabela 3.

Tabela 3. Distribuição dos métodos anticoncepcionais utilizados na primeira relação sexual e nas relações atuais dos alunos recém-ingressos em uma IES. Fortaleza, novembro, 2010.

CARACTERÍSTICA (n=44)	n	%
MAC utilizado na 1ª relação sexual	22	50,0
Preservativo masculino	01	2,3
Preservativo + anticoncepcivo oral	01	2,3
Anticoncepcivo oral	15	34,1
Nenhum	05	11,4
Não responderam		
MAC utilizado nas relações atuais	25	58,1
Preservativo masculino ou feminino	07	16,3
Preservativo + anticoncepcivo oral	07	16,3
Anticoncepcivo oral	07	16,3
Preservativo + anticoncepcivo injetável	01	2,3
Preservativo + tabelinha	01	2,3
Anticoncepcivo injetável	01	2,3
DIU	01	2,3
Não responderam	01	2,3

Um dado interessante foi referente do uso de MAC onde 95,3 % dos alunos informaram fazer uso em todas as relações atuais. O preservativo foi o MAC mais usado na 1ª relação sexual (50,0%) e continua sendo nas relações atuais (58,1%), nota-se que nas relações recentes há uma preocupação por parte deste grupo de se prevenir tanto contra as IST quanto a uma gravidez não planejada quando citado uso de dupla proteção (20,9%) e isso foi pouco observado nas primeiras relações, pois apresentou um grande percentual de não uso dos métodos (34,1%). Entretanto percebe-se também que ainda existem aqueles que só se preocupam com a gravidez nas relações atuais (20,9%).

Os resultados concordam com outras pesquisas quando relatam que, o método mais utilizado pelos adolescentes e jovens foi o preservativo seguido de anticoncepcionais orais. O que pode ser devido às várias divulgações sobre o seu uso e as IST, onde este confere dupla proteção. Também no mesmo estudo foi elevada a porcentagem de jovens que referiram fazer uso de MAC em todas as relações⁽¹²⁾.

Estudos sobre o tema confirmam estes achados como o realizado em 2008 com 295 universitários de uma universidade pública do estado de São Paulo onde se observou que o MAC mais utilizado na primeira relação sexual (84%) e nas atuais (61,1%) foi o preservativo, freqüentemente combinado com outros métodos e o anticoncepcional oral como único método foi pouco utilizado. Contudo, nesse mesmo estudo verificou-se que o uso do preservativo diminuiu em comparação a primeira relação sexual e que o uso do anticoncepcional oral aumentou⁽¹¹⁾.

O que não se confirma totalmente no presente, pois o uso do preservativo nas relações atuais aumentou (58,1%), o uso deste em combinação com outro método (20,9%) e o uso do anticoncepcional oral (16,3%) também, mais não relacionado ao uso do preservativo o que confirma a preocupação dos jovens tanto com a gravidez quanto com as IST.

Concordando com a pesquisa anteriormente citada, outro estudo informa que quando avaliado uso de algum MAC o preservativo foi o mais citado por moças e rapazes (80,7%) e (88,6%) respectivamente, seguido do anticoncepcional oral. E quando avaliado a última relação sexual, o uso do preservativo cai para 38,8 % e 56%, para moças e rapazes, e o anticoncepcional oral aparece como método mais freqüente⁽¹⁴⁾.

Em estudo realizado com universitários da área da saúde o preservativo foi o MAC mais utilizado, porém a maioria não usava como proteção às IST e sim de uma gravidez não planejada⁽¹⁸⁾. Foi encontrado nas diversas literaturas relacionada ao assunto, que o preservativo masculino é o MAC mais conhecido e o mais usado nas relações, porém tende a diminuir seu uso nas relações mais atuais, sendo substituído por anticoncepcional oral, o que é uma conduta preocupante frente às diversas doenças que podem ser consequência desse ato.

Visto que a probabilidade de ter vários parceiros nesta faixa etária é maior, e um risco para as IST, foi indagado aos jovens sobre o número de parceiros no último ano, onde um percentual pequeno 25,0% informou ter tido mais de dois parceiros e 70,5% alegou não ter tido mais de dois. O que se pode dizer que nesta amostra esta existindo uma conscientização dos riscos de se ter vários parceiros, ou sabendo que isso seria um fator de risco as IST os alunos, provavelmente, omitiram a verdade.

A análise anteriormente feita também foi encontrada em outro estudo quando os entrevistados foram questionados sobre o número de parceiros os relacionamentos com parceiro fixo foi o mais citado, o que significa um menor risco de aquisição de IST⁽⁹⁾. É afirmado em outro estudo que o aumento do sentimento de vulnerabilidade dos adolescentes frente a AIDS dependeu da experiência de namoro, da quantidade de parceiros sexuais e da prática do sexo desprotegido⁽¹⁹⁾. A tabela 4 apresenta os dados relacionados às IST conhecidas pelos alunos pesquisados na IES.

Tabela 4 - Conhecimento das infecções sexualmente transmissíveis, por alunos recém-ingressos na IES. Fortaleza, novembro, 2010.

IST CONHECIDA PELOS ALUNOS (n=55)	n	%
HIV/AIDS	54	98,2
Herpes	52	94,5
Gonorréia	50	90,9
Sífilis	46	83,6
Hepatite B	37	67,3
Hepatite C	36	65,5
HPV	28	50,9
Cancro mole	24	43,6
Tricomoníase	13	23,6
Vaginose bacteriana	13	23,6
Donovanose	03	

Em relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis todos os participantes da amostra informaram conhecer algumas delas. Observou-se que a IST mais conhecida pelos jovens desta amostra foi a AIDS (98,2%), o que seria esperado, pois é uma IST muito divulgada nos meios de comunicação. Também foi considerável o percentual do herpes (94,5%), gonorréia (90,9%) e sífilis (83,6%). A IST menos conhecida foi a Donovanose (5,5%).

Outro estudo corrobora com os resultados encontrados na pesquisa atual, onde os grupos pesquisados relatam a AIDS como a IST mais conhecida, também citando gonorréia, herpes e sífilis com um percentual maior após a AIDS, as outras IST foram pouco referidas e são pouco conhecidas por grande parte dos adolescentes e jovens⁽¹⁷⁾. Em outro estudo as IST mais conhecidas foi a AIDS, e o HPV mostrou-se menos conhecido⁽²⁰⁾.

No presente estudo comparando-o com os já existentes na literatura confirma-se que a IST mais conhecida é a AIDS, uns dos motivos deste conhecimento se deve a divulgação na mídia, nas escolas, unidades de

saúde e outros, porém quanto às demais IST tão importante quanto a AIDS o conhecimento torna-se precário, pois se sabe que as IST aumentam a susceptibilidade ao HIV, podem provocar abortamento, gravidez ectópica, alguns tipos de câncer. O que nos chama atenção para a divulgação das demais IST nos ambientes comuns aos jovens, de uma forma que absorvam as informações e tenha um maior conhecimento a respeito destas e de como preveni-las.

Em relação ao conhecimento dos alunos sobre sinais e sintomas de IST apresentaram-se os seguintes dados na tabela 5.

Tabela 5 - Quantitativo dos sinais e sintomas de IST conhecidos por alunos recém-ingressos em uma IES. Fortaleza, novembro, 2010.

SINAIS E SINTOMAS DE IST (N=55)	n	%
Corrimento uretral ou vaginal	36	65,5
Verrugas genitais	35	63,6
Prurido (coceira)	27	49,1
Manchas na pele	23	41,8
Úlceras genitais	18	32,7
Quedas de cabelos	09	16,4
Outros*	50	90,9
Não conhece	08	14,5
Não respondeu	01	1,8

* sinais e sintomas não específicos para IST como: febre, diarreia e perda de peso

Apesar de 85,5% dos participantes da pesquisa informaram conhecer sinais e sintomas de IST. A tabela 5 nos mostra que por várias vezes em maior percentual foram citados sinais e sintomas inespecíficos como febre, diarreia, perda de peso (90,9%), o que pode ocasionar falta de cuidado no aparecimento de alguns sintomas específicos. Uns sintomas bem conhecidos foram o corrimento uretral e vaginal (65,5%), verrugas genitais (63,6%) e o prurido (49,1%) os menos citados foram manchas na pele (41,8%), úlceras genitais (32,7%), alopecia (16,4%), e ainda houve alunos que afirmaram não ter nenhum conhecimento (14,5%).

Estudos revelaram desconhecimento em relação à identificação de sinais e sintomas das IST, onde os mais apontados foram o aparecimento de feridas nos órgãos genitais, coceira e corrimento⁽²⁰⁾. Os resultados mostram considerável deficiência no conhecimento relacionado aos sinais e sintomas de IST. Isto se torna prejudicial à saúde dos jovens, à medida que podem não dar muita importância ao surgimento de alguns sinais e sintomas de IST simples que podem desaparecer e reaparecer (como as verrugas ou úlceras). O que fica explícito que as informações não são repassadas de forma eficaz e eficiente, pois se esperava que por serem universitários tivessem um conhecimento maior a respeito de um problema de saúde mundial e que pode atingir a todos com comportamentos sexuais de riscos ou não.

Quando questionados sobre a importância dos MAC em todas as relações sexuais, 98,2% acham importan-

tes; por que previne as IST/AIDS e gravidez não planejada (49,1%), e tem o conhecimento que para isso deve usar preservativo (52,7%), além de ter parceiro fixo, não compartilhar seringas (23,6%), entre outros. Um dado importante encontrado nesta pesquisa é que ainda houve resposta como conhecer a pessoa com quem se relaciona, cuidado com banheiros públicos, cuidado com higiene íntima, o que ainda demonstra um conhecimento inadequado de como se prevenir das IST, porém são respostas consideráveis, mais não adequadas. A grande maioria dos alunos (94,5%) relatou não sentir nenhuma dificuldade em adquirir MAC, e 40,9% informaram haver resistência de seus parceiros quanto ao uso de MAC.

Estudos realizados apontam como forma de prevenção as IST o uso da camisinha em todas as relações, também foi citado nestes estudos como forma de prevenção o não uso de drogas, o não compartilhamento de seringas e agulhas, não ter relações, consultar o médico e conhecer o parceiro⁽²⁰⁾.

Este estudo é confirmado por outros estudos existentes na literatura quando afirma que a maioria dos universitários não respondeu adequadamente sobre medidas de prevenção contra as IST, mostrando que não sabem se prevenir ou desconhecem as IST⁽⁶⁾.

Observou-se que os jovens sabem da importância do uso dos MAC, embora alguns ainda tenham a convicção de usá-los só para prevenção da gravidez, quanto aos meios de prevenção das IST, os jovens em geral confirmados nos estudos anteriores e neste tem o conhecimento, porém quase nunca adotam essas medidas, embora existam jovens que relatem práticas não seguras e nem específicas para as IST.

4 CONCLUSÃO

Frente ao exposto, verificou-se que neste grupo de universitários recém-ingressos, há o conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais, que seu uso é frequente nas relações sexuais. Estes informam conhecer as IST ou ao menos já ouviu falar de alguma, mas, sobre sinais e sintomas verificou-se pouco conhecimento por parte destes, o que é preocupante, e implica na necessidade de uma ação permanente voltada a esses jovens para esclarecimento sobre o assunto. Os participantes da pesquisa acham importante o uso de MAC em todas as relações e pratica essa conduta em sua maioria, e não sentem nenhuma dificuldade em adquirir algum tipo de método o que facilita sua adesão, tem o conhecimento de como pode se prevenir de uma IST e não possuem em sua grande maioria comportamentos de risco.

Assim alcançamos os objetivos de nossa pesquisa, onde analisamos as práticas dos jovens, conhecimento e dificuldade em relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis e métodos anticoncepcionais, onde estes estão parcialmente conscientes de suas atitudes, alguns ainda possuem umas práticas duvidosas, mas

passível de esclarecimento para que se tenha uma atitude correta.

Conclui-se, portanto que os alunos da IES ao qual foi realizada a pesquisa, buscam informações e meios para que possam realizar práticas de sexo seguro, assim diminuindo os riscos as IST/AIDS. Espera-se que oportunamente as atividades de orientações e informações possam estar sendo realizadas de forma concreta, con-

tínua e eficiente em escolas e unidades de saúde da família, por profissionais de educação e de saúde.

Sugiro que outras pesquisas sejam realizadas nessa área, com essa população, para que seja investigado melhora nas práticas e conhecimento dos alunos em relação as IST e MAC e para comparação, e assim poder esta vendo a possibilidade de um projeto na IES para aprendizado e fixação do assunto para seus alunos.

REFERÊNCIAS

- 1 Soares SM, Amaral MA, Silva LB, Silva PAB. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. Esc. Anna Nery [periódico na Internet]. 2008 Set [citado 2010 Fev 25]; 12(3): 485-491. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 2 Asinelli-Luz A, Fernandes J, N. Gênero, adolescências e prevenção ao HIV/AIDS. Pro-Prosições, Ago. 2008 [citado 2010 Abr 08]; v. 19, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 3 Organização Pan-Americana da Saúde. Contexto geral e determinantes de saúde, Brasil. Saúde nas Américas. OPAS, 2007 [citado 2010 Nov 05]. Disponível em: <http://www.paho.org/hia/homepor.html>.
- 4 Brandão ER. Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde. Ciênc. saúde coletiva [periódico na Internet]. 2009 Ago [citado 2010 Fev 09]; 14(4): 1063-1071. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 5 Belo MAV, Silva JLP e. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. Rev. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2004 Ago [citado 2008 Jun 08]; 38(4): 479-487. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 6 Machado AA, Gir E, Duarte G, Andregheo AC, Cunha AA, et. al. Avaliação do conhecimento sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) entre universitários de Ribeirão Preto/SP. J. Brás. Doenças Sex. Transm. v. 9 n. 6, pág. 12-16, No v. 1997.
- 7 Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos. Mundo Saúde. 1996.
- 8 Souza MM, Brunini S, Almeida NAM, Munari DB. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. Rev. bras. enferm. [periódico na Internet]. 2007 Fev [citado 2010 Abr 08]; 60(1): 102-105. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 9 Falcão JJSP, Lopes EM, Freitas LV de, Rabelo STO, Pinheiro AKB, Ximenes LB. Perfil e práticas sexuais de universitários da área de saúde. Esc. Anna Nery [periódico na Internet]. 2007 Mar [citado 2010 Nov 28]; 11(1): 58-65. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 10 Borges ALV, Fujimori E, Hoga LAK, Contin MV. Práticas contraceptivas entre jovens universitários: o uso da anticoncepção de emergência. Cad. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2010 Abr [citado 2010 Nov 29]; 26(4): 816-826. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 11 Alves AS, Lopes MHBM. Uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes universitários. Rev. bras. enferm. [periódico na Internet]. 2008 Abr [citado 2010 Abr 13]; 61(2): 170-177. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 12 Silva FC da, Vitale MSS, Maranhão HS, Canuto MHA, Pires MMS, Fisberg M. Diferenças regionais de conhecimento, opinião e uso de contraceptivo de emergência entre universitários brasileiros de cursos da área de saúde. Cad. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2010 Set [citado 2010 Nov 29]; 26(9): 1821-1831. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 13 Paiva V, Calazans G, Venturi G, Dias R. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. Rev. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2008 Abr [citado 2010 Abr 06]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 14 Teixeira AMFB, Knauth DR, Fachel JMG, Leal AF. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. Cad. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2006 Jul [citado 2010 Abr 13]; 22(7): 1385-1396. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- 15 Alves CAI, Brandão ER. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens:

interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. Ciênc. saúde coletiva [periódico na Internet]. 2009 Abr [citado 2010 Mar 04]; 14(2): 661-670. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.

16 Vieira LM, Saes SO, Dória AAB, Goldberg TBL. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. Rev. Bras. Saude Mater. Infant. [periódico na Internet]. 2006 Mar [citado 2010 Mar 04]; 6(1): 135-140. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.

17 Romero KT., Medeiros ÉHGR., Vitalle MSS., Wehba J. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. Rev. Assoc. Med. Bras. [periódico na Internet]. 2007 Fev [citado 2010 Abr 08]; 53(1): 14-19. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.

18 Leite MTF, Costa AVS, Carvalho KAC, Melo RLR, Nunes BMTV, Nogueira LT. Saber e prática contraceptiva

e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. Rev. bras. enferm. [periódico na Internet]. 2007 Ago [citado 2010 Nov 27]; 60(4): 434-438. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.

19 Camargo BV, Botelho LJ. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. Rev. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2007 Fev [citado 2010 Abr 07]; 41(1): 61-68. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.

20 Brêtas JRS, Ohara CVS, Jardim DP, Muroya RL. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. Acta paul. enferm. [periódico na Internet]. 2009 Dez [citado 2010 Abr 08]; 22(6): 786-792. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.